

O ENSINO DE FILOSOFIA E A LÓGICA NO ENSINO MÉDIO¹

Clarice Rosa Machado²; Rita de Athayde Gonçalves³

RESUMO

Neste artigo será investigado o ensino de Lógica na disciplina de Filosofia, analisando o quanto este ensino pode contribuir para o universo do estudante do Ensino Médio, provocando a formação de habilidades como ler, interpretar, desenvolver um raciocínio lógico, saber distinguir o verdadeiro do falso, entre outras. A metodologia usada para o trabalho é a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir do estudo em livros, revistas e artigos que exploram os temas tratados. Tendo como pressuposto que a Filosofia deve contribuir para a formação de consciência crítica levando ao desenvolvimento da autonomia do pensar diante da sociedade, o ensino da Lógica é essencial para o desenvolvimento do raciocínio lógico no estudante, contribuindo para que articule um pensamento crítico e distinga entre um discurso correto e um incorreto contribuindo também para a compreensão de leitura, escrita e argumentação.

Palavras-chave: Ensino; Filosofia; Lógica.

ABSTRACT

In this article it will be investigated the teaching of Logic in the discipline of Philosophy analyzing how much this teaching can contribute to the universe of the student of the High School, causing the formation of abilities like reading, interpreting, developing a logic reasoning, known how to distinguish the truth from false, among other things. The methodology used for the work is the bibliographic research with qualitative approach, developed from the study in books, journals and articles that explore the topics covered. Having as assumption that the Philosophy have to contribute for the formation of critic consciousness bringing to the development of the autonomy of thinking to society, the teaching of Logic is essential for the development of the logic reasoning in the student, contributing to articulate a critic thought and distinguish between a correct speech and an incorrect one, contributing for the comprehension of reading, writing

¹ Trabalho realizado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I- UNIFRA.

² Acadêmica do Curso de Filosofia- UNIFRA. clarice.rosa@unifra.edu.br

³ Orientadora. Professora do Curso de Filosofia – UNIFRA. rita@unifra.br

and argumentation.

Keywords: *Teaching; Philosophy; Logic.*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que apresenta como tema o ensino de Lógica na disciplina de Filosofia no Ensino Médio, propõe investigar em que sentido a Lógica pode se tornar significativa para o universo do estudante deste nível de ensino.

Sabe-se que na escola, atualmente, é difícil conseguir a atenção do jovem, independente da disciplina. Os estudantes estão completamente inseridos no mundo tecnológico de modo que qualquer coisa que não chegue a eles por essa via acaba não tendo sentido. Em suas vidas, o mundo possui coisas mais importantes que as aulas e, tanto na disciplina de Filosofia quanto nas outras, percebe-se essa dispersão. Por outro lado, em certos momentos, a aula de Filosofia é o espaço onde eles se sentem seguros para expressar suas opiniões. Assim, cabe perguntar: qual o sentido de trabalhar com a Lógica nessa disciplina, qual a importância desse estudo? A resposta não é evidente.

Fazemos várias afirmações e suposições de diversos tipos e tiramos conclusões sobre os acontecimentos do dia a dia o tempo todo. A grande maioria delas é baseada em nossa intuição, em nossa experiência ou a partir de comparações com outras situações semelhantes já vivenciadas. Mas nem sempre isso é suficiente. Com efeito, a Lógica ajuda a raciocinar de forma correta, propõe como se deve pensar para chegar a um conhecimento verdadeiro auxiliando no desenvolvimento de habilidades (ler, interpretar, possuir um raciocínio lógico, saber distinguir o verdadeiro do falso) que se espera de um estudante de Ensino Médio.

Ela [a lógica] lhe dará clareza de pensamento, a habilidade de ver seu caminho através de um quebra-cabeça, o hábito de arranjar suas ideias numa forma acessível e ordenada, e, mais valioso que tudo, o poder de detectar falácias e despedaçar os argumentos ilógicos e inconsistentes que você

encontrará tão facilmente nos livros, jornais, na linguagem quotidiana e mesmo nos sermões e que tão facilmente enganam aqueles que nunca tiveram o trabalho de instruir-se nesta fascinante arte (CARROL apud NAHRA; WEBER, 2015, p. 5).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A obrigatoriedade do Ensino de Filosofia no Ensino Médio no Brasil é um assunto que vem sendo debatido há muito tempo. Suas entradas e retiradas no currículo do Ensino Médio causam muitas inquietações tanto por parte de pessoas que são a favor quanto daquelas que são contra. Embora a Filosofia já tenha deixado de ser obrigatória em 1961 (Lei no 4.024/61) e em 1971 (Lei no 5.692/71) excluída do currículo escolar brasileiro, essas Leis não possuem muitos debates ou registros. As questões começam a surgir a partir da LDB de 1996 (Lei nº 9.394/96, artigo 36) onde é decretado que no final do Ensino Médio o estudante deve dominar os conteúdos de Filosofia e Sociologia para o exercício da cidadania. Mesmo assim isso não ocasionou uma melhoria na forma da Filosofia ser tratada, pois muitos professores que acabaram lecionando essa disciplina não possuíam formação em Filosofia, mas em outras disciplinas. Isso mudou com a Lei no 11.684 de 2008 (inciso ao art. 36), que incluiu a Filosofia no currículo do Ensino Médio como disciplina obrigatória.

Porém, é preciso ressaltar que desde fevereiro de 2017 com a aprovação da reforma do Ensino Médio⁴ a Filosofia deixa de ser disciplina obrigatória e passa a categoria de “estudos e práticas” e, dessa forma, deverá ser incluída como obrigatória na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Como esta legislação está em fase de implantação, ainda não há esclarecimentos sobre o funcionamento da mesma.

Nesse contexto de crise da sociedade, a inclusão da disciplina de Filosofia no currículo escolar ajuda a recuperar a dimensão humana que estava se perdendo com tanto tecnicismo. A Filosofia no ensino colabora com as demais disciplinas do currículo na formação do jovem, além de ser uma proposta de educação que promove a

⁴LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017.

mediação entre o ser, o conhecer e mundo. Desperta no jovem o interesse de investigar, analisar e entender melhor sua realidade de maneira crítica, na medida em que vai dando sentido à experiência deste. Severino afirma que:

Com efeito, a filosofia opera em três planos de reflexão: naquele relativo ao processo do conhecimento, naquele relativo ao agir humano e naquele relativo às próprias condições de existência do homem. É por isso que ela desenvolve uma reflexão sobre as ciências, uma reflexão sobre os valores que presidem as ações dos homens, seja ela técnica, econômica, política, social e cultural, tanto no âmbito da criação pessoal, como aquele da atividade do trabalho e das relações sociais, é uma reflexão sobre o existir dos homens tanto no plano individual como coletivo. É nesta perspectiva abrangente que se desenvolve o trabalho de formação filosófica do aluno do 2º Grau, iniciando assim uma prática de reflexão sobre os critérios em que se fundem as decisões e ações dos homens enquanto pessoas individuais inseridas num universo social mais amplo e sobre as próprias condições que viabilizam a existência do homem no mundo caracterizando-a qualitativamente (1992, p. 6).

O estudo da Filosofia se torna extremamente importante para o estudante, pois esta permite que ele encontre respostas na sua própria razão e nas experiências. Torna tanto a vivência quanto o aprendizado deste jovem significativo, na medida em que o ajuda a se humanizar e sua cultura através da educação. Conforme Langón:

Não se trata, em educação, de *aprender* o já sabido (isto é, aprender filosofia, matemática ou história), mas *aprender* (chegar) a ser *humano* (isto é, realizar as atividades próprias de um homem de certa cultura; entre os guaranis: plantar, caçar, dançar, cantar; em uma lista mais ocidental ou extensa: falar, ler, escrever, discutir, pensar, interagir, querer, sentir, gozar, sofrer, usar instrumentos etc.: conhecimento, sentimento, vontade, ação...) através das *atividades educativas*: transmissão de conhecimentos, valores, sensibilidade, atitudes, aptidões, posições, movimentos etc. (2003, p. 91).

O ensino de Filosofia na educação básica deve se propor a relacionar o ensino com as experiências e com a realidade do estudante. Os professores precisam de um entendimento da cultura dos jovens para que consigam realizar uma ligação entre os conhecimentos adquiridos na academia com as vivências destes, para que os mesmos consigam construir suas justificativas, juízos e se tornar reflexivo acerca da realidade que está inserido.

É preciso que os professores comecem a pensar suas aulas de forma integrada favorecendo o planejamento curricular. De acordo com Rocha:

Iniciativas nessa direção podem ser tomadas por todas as áreas do conhecimento representadas nos cursos de formação de professores. Há, porém, não apenas uma tradição secular que faz da filosofia uma das matrizes do pensamento ocidental, mas principalmente um dos elementos centrais e sua identidade científica, como uma disciplina voltada para a investigação dos aspectos fundamentais da realidade e dos modos básicos de acesso a ela; a Filosofia é uma disciplina voltada para a análise e reflexão dos conceitos fundamentais que estruturam o pensamento e da ação humana e por isso pode comprometer-se com estudos que visam identificar aqueles conceitos e aspectos fundacionais que estruturam as diversas áreas do conhecimento. Há uma tradição de trabalho em disciplinas como Filosofia das Ciências Naturais, das Ciências Sociais, das Ciências Formais, da Arte, da História, da Linguagem, e outras, de forma que se pode dizer que não há uma área do currículo escolar que não possa ser abordada com os instrumentos conceituais da Filosofia, em busca de pontos de contato que permitam a elaboração de um desenho curricular mais harmônico e integrado (2015, p. 32).

Percebe-se desta forma o quanto importante é a Filosofia no Ensino Médio, tanto para o desenvolvimento humano dos alunos, quanto para a integração de todas as disciplinas. A Filosofia desconstrói o pensamento comum fazendo com que os estudantes comecem a questionar os costumes com pensamento mais organizado e crítico.

2.2 LÓGICA

Etimologicamente a palavra Lógica provém do grego *logos*, “expressão”, “pensamento”, “conceito”, “razão”. Aristóteles é apontado como o pioneiro da Lógica, compreendida como a ciência que estuda as leis do pensamento exposto no *Organon*⁵, no decorrer dos séculos foi melhorada por alguns filósofos.

A lógica foi fundada por Aristóteles (384-322 a. C), na Grécia antiga. Foi complementada pelos estoicos e muito sistematizada na Idade Média. Mas

⁵Conjunto dos escritos filosóficos de Aristóteles que abordam o tema da lógica.

só nos séculos XIX e XX a lógica conheceu desenvolvimentos revolucionários, tornando-se a mais exata das disciplinas do conhecimento. Os filósofos Gottlob Frege (1848-1925), Bertrand Russell (1872-1970) e Alfred North Whitehead (1861-1947) foram alguns dos mais importantes criadores da lógica formal contemporânea (ALMEIDA et al, 2004, p. 5).

A tarefa da Lógica é a formação das leis pelas quais um juízo pode ser justificado por outros, independente da verdade desses juízos. As leis Lógicas são normativas que se dedicam ao estudo de juízos descrevendo como se deve pensar e tem como objeto de estudo a verdade e a falsidade. De fato, as leis Lógicas são as regras de como representar, as relações entre os pensamentos, em nosso pensar, para que se consiga distinguir o verdadeiro do falso.

As noções de argumento válido e não válido, de prova e de consequência lógica, de bons fundamentos para o pensamento e para a ação, e de consistência são tais que qualquer pessoa instruída deveria aprender a empregar, não apenas com familiaridade, mas com um certo grau de competência (GEACH, 2013, p.9).

O estudo da Lógica serve para organizar as ideias de modo mais rigoroso, para que não nos enganemos em nossas conclusões. A Lógica é um fundamento muito importante para o desenvolvimento humano, uma vez que os seres humanos se relacionam uns com os outros, e necessitam adotar um meio para a comunicação e para o exercício crítico da cidadania. Ela permite distinguir os argumentos corretos dos incorretos; compreender por que razão uns são corretos e outros não e aprender a argumentar corretamente a partir da investigação das condições em que a conclusão de um argumento se segue necessariamente das premissas. De acordo com Keller e Bastos, “a lógica é a disciplina que trata das formas de pensamento, da linguagem descritiva do pensamento, das leis de argumentação e raciocínio corretos, dos métodos e dos princípios que regem o pensamento humano” (2011, p. 13).

Embora existam muitas definições para o campo de estudo da Lógica, essas definições não diferem essencialmente umas das outras; há um certo consenso entre

os autores de que a Lógica tem, por objeto de estudo, as leis gerais do pensamento, e as formas de aplicar essas leis corretamente na investigação da verdade. Mas o que é o raciocínio lógico, uma consequência Lógica, ou uma inferência? O que é, realmente, um argumento que tanto se fala, e para que serve? Ou mesmo, o que se entende por verdadeiro e falso? Esses temas, como já foram mencionados, são estudados pela Lógica e serão analisados a seguir.

O raciocínio acontece quando ocorre um encadeamento de juízos ou pensamentos em que se passa a acreditar na conclusão. É um processo mental, pois os raciocínios ocorrem na mente das pessoas. Para melhor compreender o que está sendo estudado, temos o seguinte exemplo, “o ouro conduz eletricidade”, “a prata conduz eletricidade”, “logo, todos os metais conduzem eletricidade”. Pode parecer bobagem, no primeiro momento, que seja preciso raciocinar para chegar à conclusão do exemplo anterior, mas não é. É preciso expor as razões que levaram a concluir que todos os metais conduzem eletricidade, a saber, justificar a afirmação. Esse é um raciocínio que muitas pessoas já fizeram, mas quando fez não tinha em mente que estava raciocinando. Ou então, que alguém, em quem se acredita, havia comentado que os metais conduziam eletricidade. Esse processo de acreditar em uma conclusão é chamado de raciocínio, ou de uma inferência. Conforme Mortari:

Basicamente, raciocinar, ou fazer inferências, consiste em “manipular” a informação disponível – aquilo que sabemos, ou supomos, ser verdadeiro; aquilo em que acreditamos – e extrair consequências disso, obtendo informação nova. O resultado de um processo (bem-sucedido) de inferência é que você fica sabendo (ou, ao menos, acreditando em) algo que você não sabia antes [...] (2001, p. 4).

A consequência Lógica trata de uma relação entre um conjunto de premissas em que um acarreta o outro e o leva a conclusão. Deste modo, a consequência Lógica é o resultado que se chega através da união das premissas.

Na Lógica, o argumento é um conjunto de uma ou mais sentenças declarativas, também conhecidas como proposições, ou ainda, premissas, acompanhadas de outra frase denominada como conclusão. Há dois tipos de argumentos, argumentos

indutivos e argumentos dedutivos. O argumento indutivo é o processo de um raciocínio em que as premissas de um argumento se baseiam na conclusão, mas não implicam nela, a saber, é quando o argumento parte de premissas particulares e chega a uma conclusão geral, como por exemplo, “o ferro conduz eletricidade”, “o ferro é metal”, “logo, os metais conduzem eletricidade”. O argumento dedutivo é aquele que a conclusão é inferida necessariamente das premissas, isto é, o argumento é dedutivo se a conclusão for sustentada pelas premissas. Esse argumento parte de premissas gerais para chegar a uma conclusão particular, como por exemplo, “todos os homens são mortais”, “Sócrates é homem”, “portanto, Sócrates é mortal”.

No que se refere à verdade ou a falsidade, estas não possuem importância para legitimar um argumento, pois a verdade das premissas é da competência do pesquisador do assunto. Um argumento pode ser válido sem que o conteúdo dele seja verdadeiro, a validade diz respeito à estrutura do argumento, a saber, um argumento é válido se as premissas garantem a verdade da conclusão. O argumento é correto quando há relação entre as premissas e a conclusão, ou seja, se as premissas são verdadeiras a conclusão tem que ser necessariamente verdadeira.

2.3 LÓGICA E FILOSOFIA

Percebe-se que a Lógica e a Filosofia, trabalhadas simultaneamente, desenvolvem nos alunos a capacidade de exercitar o diálogo, analisar posições divergentes, respeitar decisões comuns, a fim de se inserirem nos processos decisórios que ocorrem nas diferentes fases da vida. E a capacidade de se apropriarem de conhecimentos constituídos que lhes permitam realizar uma leitura crítica do mundo, tanto no âmbito natural quanto no social, por meio da investigação, reflexão, interpretação, elaboração de hipóteses e a argumentação.

Como uma grande parte da Filosofia, a Lógica tem conexões íntimas com a ciência, em particular, a Matemática. A estrutura básica do argumento lógico, iniciado por uma premissa e uma série de passos até a conclusão, é a mesma de uma demonstração matemática.

A Filosofia, em conjunto com a Lógica, vai permitindo que o jovem amplie seu campo de visão e perceba que existe essa conexão entre as disciplinas. Além disso, a capacidade argumentativa é o maior ganho que um estudioso de Filosofia pode ter, na medida em que a Filosofia oferece prática argumentativa. Assim, temos dois aprendizados interdependentes aqui: um aprendizado proveniente da Lógica, a saber, o aprender a raciocinar bem, além de um aprendizado proveniente da Filosofia, a saber, a experiência com o raciocínio.

3. METODOLOGIA

A metodologia usada neste trabalho é pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da consulta livros, revistas e artigos que exploram os temas tratados.

5. CONCLUSÃO

Considerando que a Filosofia deve contribuir para a formação de consciência crítica, levando ao desenvolvimento da autonomia do pensar, o ensino da Lógica nas escolas auxilia os estudantes na prática de interpretação de textos, formalização, argumentação na análise de fatos e no desenvolvimento textual. Fornece as leis do pensamento e a forma de aplicá-los para atingir a veracidade das argumentações e contribui com a formação de consciência crítica.

Portanto, o estudo da Lógica se torna significativo para o jovem quando habilita sua capacidade de desenvolver raciocínio lógico, contribuindo para que ele articule um pensamento crítico, distinga entre um discurso correto e um incorreto contribuindo também para a compreensão de leitura, escrita e argumentação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei da Reforma do Ensino de 1º e 2º graus. Lei n. 5.692/71, de 11 de agosto de 1971.

BRASIL. Lei Nº 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>. Acesso em: 15 jun. 2017.

GEACH, P. T. **Razão e argumentação.** Porto Alegre: Penso 2013.

KELLER, V.; BASTOS, C. L. **Aprendendo Lógica.** 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANGÓN, Mauricio. Filosofia do Ensino de Filosofia. In: GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio. **Filosofia do ensino de filosofia.** Petrópolis: Vozes, 2003. p. 90-100.

NAHRA, Cinara; WEBER, Hingo. **Através da Lógica.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORTARI, Cesar A. **Introdução à lógica.** São Paulo: Unesp, 2001.

ROCHA, Ronai Pires da. **Ensino de Filosofia e Currículo.** Petrópolis: Vozes, 2008.

SEVERINO, A. J.. Reflexões sobre os fundamentos do Ensino de Filosofia no Segundo Grau. **Subsídios para a reformulação da proposta curricular de Filosofia – 2º Grau.** São Paulo: SEE-SP/CEMP, 1992.